

**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação
Comunicação Social – Jornalismo**

Outros Caminhos: além do que se vê da JMJ

Camilla Scherer Lange
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru, janeiro de 2014

Camilla Scherer Lange

Outros Caminhos: além do que se vê da JMJ

Relatório referente ao documentário elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito à obtenção do diploma em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru, janeiro de 2014

Dedicatória

Este trabalho se dedica às pessoas que sempre o incentivaram e que o tornaram possível: Roseli Scherer, Bruna Scherer Lange e Bruno Lange.

Bauru, janeiro de 2014

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, por ter me acompanhado e apoiado durante toda a vida e formação acadêmica, e para quem este trabalho se destina. Agradeço também à instituição e aos meus professores, durante todo o curso de graduação, que me ajudaram a encontrar o caminho que quero seguir durante minha vida profissional. Ao meu orientador, por ter apoiado o projeto desde o princípio, com sugestões e ideias pertinentes e inteligentes. Aos repórteres Bruno Ferrari, Vinicius Denadai e Diogo Yudi, pela dedicação em conseguir o melhor material possível resultando em um produto de qualidade.

“Nesse movimento, nos esvaziamos de nossa visão de mundo, de nossos preconceitos, de nossos julgamentos, para irmos o mais vazios possível em direção ao mundo que é o outro, para que possamos ser preenchidos por ele e então empreendermos a viagem de volta, o que está longe de ser fácil. Quando voltamos para casa somos outros, transformados por essa experiência de ser um outro. Nesse movimento de ida e volta, em que aquele que foi já não é o mesmo que retorna, nosso desafio é decifrar a narrativa ou as narrativas daquela pessoa, daquele grupo, daquele mundo ou daquele acontecimento”

Eliane Brum

Sumário

1. Introdução.....	7
1.1. O tema.....	7
1.2. A JMJ.....	7
1.3. Agenda e organização.....	10
1.4. Dados estatísticos.....	15
2. O documentário.....	17
2.1. Justificativa.....	17
2.2. Objetivos.....	18
2.3. Público-alvo.....	18
3 Fundamentação teórica	
3.1. A religiosidade e o catolicismo no Brasil.....	20
3.2. O novo Papa: reflexos da chegada de Francisco.....	23
4 O gênero documentário.....	25
5 Especificações técnicas.....	27
5. Diário de campo.....	28
6 Conclusão.....	32
7 Referências bibliográficas.....	34
8.	
Anexos.....	35

1.Introdução

Este relatório esclarecerá todo o processo de produção do documentário “Outros Caminhos – O que se vê além da JMJ”, bem como contextualizará o leitor acerca do catolicismo no Brasil nos dias atuais e a relevância de um evento como a Jornada Mundial da Juventude em nosso país. Este relatório, vinculado ao projeto audiovisual, visa aprofundar as discussões sobre a visita do Papa e explicitar o potencial jornalístico de tais eventos, com todos os seus desdobramentos e alternativas até então possivelmente pouco abordadas pela grande mídia. Além disso, será possível conhecer também os maiores desafios e dificuldades enfrentados pela equipe em relação à parte prática da elaboração do projeto.

1.1. O tema

A escolha do tema da Jornada Mundial da Juventude como objeto de abordagem para a elaboração do TCC surgiu a partir da grande propaganda midiática que vinha sendo feita meses antes do evento. Prevista para julho de 2013, a Jornada agregaria ainda outros momentos marcantes para a comunidade católica, como a primeira viagem internacional do novo Papa, eleito depois de uma polêmica no Vaticano e a escolha do Rio de Janeiro como sede de mais um megaevento. Além disso, a JMJ é, estatisticamente, o terceiro maior evento mundial em termos de público – menor apenas que Copa do Mundo e Olimpíadas. Em 2013, foram cerca de 3,7 milhões de peregrinos participantes. Além de abordar um foco muito diferente do esportivo, é um evento que oferece múltiplas pautas e possíveis abordagens e mais uma vez contempla o Rio de Janeiro como eixo jornalístico.

1.2. A JMJ

A Jornada Mundial da Juventude foi um evento idealizado pelo então Papa João Paulo II, em 1985. Segundo o site oficial do próprio evento, “o ano de 1985 foi declarado Ano Internacional da Juventude pelas Nações Unidas”. Depois de uma série de eventos reunindo este público, João Paulo oficializou e instituiu a JMJ, que teve sede em Roma, na Itália, em 1986, com o lema: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”(1Pd 3, 15)”. Desde que foi instaurada, a Jornada teve 13 edições, intercaladas entre âmbito diocesano¹ e âmbito internacional.

A história da JMJ começou em 1984, considerado o Ano Sagrado da Redenção ² pela Igreja Católica. Segundo o site oficial do Vaticano,

1: Uma diocese é uma unidade territorial administrada por um bispo, também conhecida como bispado. É considerada a unidade de organização territorial mais importante do catolicismo. Dependendo de sua dimensão e relevância geográfica, uma diocese pode também ser classificada como arquidiocese, conquistando autoridade metropolitana sobre outras dioceses. (Fonte: curiosidadescatolicas.blogspot.com.br)

“Papa João Paulo II sentiu que deveria haver uma cruz – o símbolo de nossa fé – próxima ao altar principal da Basílica de São Pedro, onde ela pudesse ser vista por todos. Uma grande cruz de madeira, com 3,8 metros de altura, foi colocada de acordo com o pedido do Santo Papa”.

Em seguida, João Paulo dirigiu-se à juventude católica, a quem destinou a nova cruz:

“Meus queridos jovens, com a conclusão do Ano Santo, eu confio a vocês o signo deste ano de júbilo: a Cruz de Cristo! Carreguem-a pelo mundo como um símbolo do amor de Cristo pela humanidade e anunciem a todos que apenas na morte e na ressurreição de Cristo podemos encontrar a salvação e o perdão”³.

A cruz em questão é hoje conhecida como a Cruz da Jornada – um dos símbolos que percorre o país-sede que receberá o encontro internacional. A primeira peregrinação da Cruz foi no mesmo ano de 1984, quando ela foi levada a Munique, na Alemanha, para celebrar o Katholikentag⁴ - evento conhecido como “Dias Católicos”. Depois de peregrinar por vários países da Europa, o Papa anunciou que criaria um Dia Mundial da Juventude a ser celebrado todos os anos. Era o início da JMJ.

Desde que foi instituída, a Jornada Mundial da Juventude acontece anualmente, no Domingo de Ramos (data católica em que se celebra a chegada de Jesus a Jerusalém, comemorada um final de semana antes da Páscoa). Entretanto, a Igreja Católica determinou um intervalo de dois a três anos para que o evento seja organizado de maneira internacional. Sendo assim, ela acontece regionalmente em todo o mundo todos os anos, celebrada entre as dioceses e arquidioceses católicas, e a cada dois ou três anos – de acordo com a organização – ela toma dimensões internacionais, como foi a de 2013 no Rio de Janeiro.

A tabela a seguir mostra os anos em que a JMJ foi celebrada em caráter internacional, bem como as cidades e países-sede e o lema de cada edição:

2: Em 1933, Papa Pio XI instaurou a celebração dos aniversários de morte de Jesus Cristo, conhecidos como Jubileus ou Anos da Redenção. Entre as semanas santas de 1983 e 1984, a igreja católica celebrou o 1950º aniversário da morte de Jesus Cristo. (Fonte: Vaticano)

3. Tradução livre do original: “My dear young people, at the conclusion of the Holy Year, I entrust to you the sign of this Jubilee Year: the Cross of Christ! Carry it throughout the world as a symbol of Christ's love for humanity, and announce to everyone that only in the death and resurrection of Christ can we find salvation and redemption”.

4. O megaevento da Katholikentag acontece anualmente em diferentes sedes e reúne países falantes da língua alemã, como Suíça, Áustria e a própria Alemanha. Ao longo de seus dias (dura cerca de uma semana), são realizados diferentes eventos relacionados à igreja, como mesas redondas, grupos de debate, celebrações eucarísticas, momentos de adoração, peças teatrais e shows.

Ano	Cidade	País	Lema
1986	Roma	Itália	“Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”(1Pd 3, 15)”
1987	Buenos Aires	Argentina	“Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele.” (1 Jo 4, 16)
1989	Santiago de Compostela	Espanha	“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”(Jo 14,6)
1991	Czestochowa	Polônia	“Vocês receberam o Espírito que os adota como filhos” (Rm 8,15)
1993	Denver	EUA	“Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10,10)
1995	Manila	Filipinas	“Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio”(Jo 20,21).”
1997	Paris	França	“Mestre, onde moras? Vinde e vereis” (Jo 1,38-39)”
2000	Roma	Itália	“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14)
2002	Toronto	Canadá	“Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13-14)
2005	Colônia	Alemanha	“Viemos adorá-lo” (Mt 2, 2)
2008	Sydney	Austrália	“Recebereis a força do Espírito Santo, que virá sobre vós, e sereis minhas testemunhas” (Atos 1, 8)
2011	Madri	Espanha	“Enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé”
2013	Rio de Janeiro	Brasil	“Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”(1Pd 3, 15)”

Dados: vatican.va

Nota-se, a partir desta tabela, que a escolha das cidades-sede da JMJ nunca foi arbitrária. Roma, primeira cidade a receber o evento, em 1986 – recebendo-o novamente em 2000, é uma cidade referência para os católicos, por abrigar boa parte da história cristã e por estar profundamente ligada à geografia e à história do Vaticano. No ano seguinte, Buenos Aires recebeu o megaevento, descentralizando as ações católicas da Europa. Sendo assim, a escolha do Rio de Janeiro como sede em 2013 reitera que a decisão não é arbitrária e que, depois de tantas edições, a cidade atende aos interesses e expectativas do comitê organizador. Segundo Dom Antônio Augusto, vice-coordenador da JMJ Rio, a escolha pelo Rio de Janeiro:

“é uma demonstração viva de como a Igreja se apoia muito nos países latinoamericanos, onde o carisma e a fé do povo católico são muito fortes. O Brasil mostrará que a Igreja é um só coração e uma só alma, exemplo de

unidade, comunhão para esta sociedade que tanto sofre com divisões, fragmentação de valores e desigualdade social. Que o Brasil possa demonstrar pra todo mundo que a fê une os corações”.
(Repórter Católico, julho de 2011).

A escolha da próxima cidade a sediar a JMJ é anunciada tradicionalmente na missa de encerramento de cada Jornada. Assim como o Rio de Janeiro foi anunciado sede em 2011, pelo Papa Bento XVI, o Papa Francisco instituiu, durante a Missa de Envio em Copacabana, em 28/07/2013, que Cracóvia, na Polônia, será a próxima sede do evento.

1.3. Agenda e organização

A expectativa para a JMJ começou em 2011, em Madri, quando o calendário para sua realização já estava definido. Ao ser anunciada a cidade-sede, teve início também uma agenda de preparação dos peregrinos para o evento. Além disso, a viagem de Papa Francisco à Aparecida do Norte, cidade de romaria brasileira, apesar de não estar ligada à agenda da JMJ, aumentou a expectativa dos fieis pelo evento.

A fase de preparação dos peregrinos começou oficialmente uma semana antes da data de início da Jornada, na chamada Semana Missionária. Em várias cidades do país, uma série de atividades que incluíram seminários e coleta de doações nas ruas foram desempenhadas com a intenção de preparar os jovens participantes. A peregrina Ana Paula Baptista, entrevistada ainda em Bauru, falou sobre como foi sua experiência na Semana: “Foi uma preparação não só espiritual, mas até mesmo psicológica nossa. Durante uns três dias a gente saiu fazendo pedágio⁵ e divulgando a Jornada. E a gente entrou em contato com pessoas que não são católicas, que não apoiam”.

Vale ressaltar que a preparação de grandes grupos exigiu um cuidado ainda maior por parte dos organizadores. Monsenhor Joel Portella, secretário executivo do Conselho Organizador Local (COL), salientou, à época, alguns cuidados referentes à circulação e hospedagem dos peregrinos: “se o grupo de inscritos tiver fretado um ônibus, por exemplo, o transporte só irá circular no Rio de Janeiro se ele estiver previamente credenciado junto ao COL e a prefeitura da cidade” (JMJ Rio, 2013). Além disso, alguns grupos (até mesmo nós), ficaram distantes do Rio de Janeiro e hospedados em cidades próximas, como Nova Iguaçu, Niterói e Duque de Caxias.

Vale salientar aqui também a mudança estrutural necessária durante a própria Jornada. A vigília – momento mais esperado do evento – teve que ser realocada por causa da chuva intensa que antecedeu o sábado de 27 de julho. Isso porque o local escolhido para sediar o evento, uma antiga região de mangue em Guaratiba, zona oeste da cidade, não tinha capacidade para absorver o grande volume de água. Sendo assim, apesar de todo o investimento público e privado destinado durante meses para obras de drenagem e dragagem do Campus Fidei, a vigília precisou

5: A prática popular do “pedágio” consiste em abordar carros parados no semáforo a fim de arrecadar fundos para fins diversos.

ser transferida para Copacabana. O que nos chamou atenção já no primeiro dia, em que passamos em frente ao então lugar escolhido, era que era óbvio que qualquer chuva impediria a realização da vigília ali, inviabilizando o gasto de R\$6 milhões, públicos, destinados às obras no local. Tratava-se literalmente de um descampado coberto com terra batida, onde nem sequer ônibus circulariam. À época, Monsenhor Joel Portella ainda salientou:

“É uma região muito pobre. Lá, renovaremos nosso compromisso missionário. A cidade receberá investimentos e melhorias e isso será um benefício para a população local. É essa população sofrida que vai receber o Santo Padre, mesmo que para chegar lá, seja preciso caminhar até 13km em peregrinação. Será a força do testemunho”
(JMJ Rio, 2013).

Descobrimos depois, com a repercussão da mudança, que o terreno é uma propriedade de Jacob Barata, detentor de um complexo de transportes poderoso do Rio de Janeiro.

A agenda oficial do evento apresentou uma série de atividades evangelizadoras para todos os períodos dos dias de evento, conforme mostra a tabela abaixo, divulgada pela própria organização da JMJ:

16 a 20				21 a 23		Deslocamento dos peregrinos para o Rio	
		Terça 23	Quarta 24	Quinta 25	Sexta 26	Sábado 27	Domingo 28
MANHÃ		Chegada dos peregrinos	Catequeses com Bispos Catequistas DISTRIBUÍDOS POR IDIOMA			Peregrinação para Campus Fidei	Missa de Envio com o Papa CAMPUS FIDEI
		Feira Vocacional QUINTA DA BOA VISTA Festival da Juventude DIVERSOS LOCAIS				Atividades culturais CAMPUS FIDEI	Encontro dos voluntários com o Papa RIOCENTRO
TARDE							
NOITE		Missa de Abertura COPACABANA	Festival da Juventude DIVERSOS LOCAIS	Acolhida ao Papa COPACABANA	Via-Sacra COPACABANA	Vigília com o Papa CAMPUS FIDEI	

Fonte: rio2013.com.br

Sob uma perspectiva teórica, Émile Durkheim apresenta uma ideia coerente à organização de tal número de eventos relacionados ao evento central. Afinal, ao englobar, durante todos os períodos de todos os dias da semana um cronograma de atividades religiosas, reforça-se o caráter de adoração e de reafirmação da religião:

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve necessariamente haver um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de formas que tanto umas como outras puderam revestir, têm sempre a mesma significação objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião; eles são o conteúdo objetivo da ideia que se exprime quando se fala da religião em geral. De que maneira, portanto, é possível atingi-los?

(DURKHEIM, As Formas Elementares da Vida Religiosa – O Sistema Totêmico na Austrália, 2003)

De acordo com o site da JMJ Rio, o evento sediado no Brasil contou com diferentes comitês de organização e recepção, assim distribuídos:



Hospedagem

O setor desenvolve o trabalho de identificação e mapeamento dos locais para alojamento dos peregrinos. Para os pontos de hospedagem serão usados, entre outros, colégios, clubes, casas religiosas e casas de família. “Serão feitas reuniões nos vicariatos, com os coordenadores indicados por cada paróquia”, lembrou Irmã Graça Maria, responsável pelo setor. Haverá também um trabalho específico para os peregrinos com necessidades especiais.

Inscrições

É a porta de entrada para todos os peregrinos que desejam fazer parte da história da JMJ Rio2013. É o setor que acolhe as inscrições de peregrinos de todos os continentes e mantém contato com os mesmos, auxiliando-os em suas necessidades. Na organização da JMJ Rio2013, é responsável por enviar dados necessários ao desenvolvimento das atribuições dos demais setores.





Secretaria Executiva

É o setor que cuida do departamento de credenciamento e do SAP (Serviço de Atendimento ao Peregrino). Coordenado por Monsenhor Joel Portella Amado.

Voluntários

O setor é a porta de entrada para todos os que desejam trabalhar na Jornada. Através da Comissão de Voluntariado os voluntários serão encaminhados para os diversos setores, de acordo com a demanda criada em cada um. Serão 60 mil voluntários para a JMJ Rio2013. Os voluntários são responsáveis por 90% do trabalho feito em uma Jornada. O setor é coordenado por Padre Ramon Nascimento.



Comunicação

“Podemos e é possível viver uma comunhão plena para mostrar ao mundo que a Igreja fala uma linguagem e essa linguagem é Cristo”, afirmou padre Márcio Queiroz, diretor do setor, ao falar sobre a importância da comunicação gerar comunhão. O setor de comunicação é a voz da Jornada, que fala através do site oficial (www.rio2013.com), assessoria de imprensa, redes sociais e por todas as campanhas que são feitas para a JMJ. A Comunicação permite que todos no mundo inteiro participem da Jornada. Mesmo os que não estarão presentes, poderão viver essa experiência dos jovens com Cristo.

Clero

O setor é responsável pela informação e participação dos padres e diáconos na JMJ. Auxiliamos os clérigos nas instruções para inscrição e credenciamento na JMJ Rio2013, na informação para a melhor participação durante os Atos Centrais, Especiais e Pastorais. O setor também ajudará no atendimento das confissões durante os dias da Jornada. O responsável pelo setor Clero é o Diácono Rodrigo Vieira.





Administrativo/Financeiro:

Gestão Administrativa e Financeira das operações do COL, como receitas e despesas; contratos com parceiros; fornecedores e prestadores de serviços. Gestão financeira dos contratos de licenciamento e uso da marca JMJ Rio 2013. Gestão da infraestrutura operacional e do pessoal contratado. Elaboração de projetos de contratação e gestão de compras.

Atos Centrais

Os Atos Centrais, compostos por cinco eventos principais, são o coração da Jornada Mundial da Juventude Rio 2013. Nestes cinco encontros estarão reunidos todos os participantes da JMJ num só lugar, proporcionando uma incrível experiência de unidade e diversidade. A Missa de Abertura, que acontecerá no dia 23/07, na Praia de Copacabana, será celebrada pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, e será o único Ato Central sem a presença do Santo Padre. As Boas Vindas ao Papa e a Via Sacra também terão lugar na Praia de Copacabana, nos dias 25/07 e 26/07, respectivamente. No sábado, 27, todos seguem para Guaratiba, na Zona Oeste do Rio, para a Vigília e para a Missa de Envio que será celebrada no domingo, 28, pelo Sumo Pontífice.





Logística

Responsável pela implantação de tudo o que foi planejado pelos outros setores. Com atenção especial para alimentação, transporte e demais infraestruturas.

Pré-jornada

O setor Pré-Jornada estabelece um diálogo entre o COL, a CNBB e as dioceses do Brasil. Atua diretamente na organização da Semana Missionária e em tudo que for de preparação rumo à JMJ Rio2013, em especial a peregrinação dos Símbolos da JMJ (Cruz Peregrina e Ícone de Nossa Senhora). Com o lema "envolver a todos", o setor, representado por seu diretor executivo, padre Jefferson Merighetti, motiva todas as realidades brasileiras a viverem a Jornada Mundial da Juventude como uma experiência missionária e promissora de legados em diversos âmbitos, como religioso, social e cultural.





Atos Culturais

Responsável pela Programação Cultural da JMJ, que constará de apresentações musicais e de artes cênicas (teatro e dança), exposições, cinema, trilhas, visitas a igrejas históricas, o Setor encara o desafio de criar novas experiências evangelizadoras para a juventude através do compartilhamento de vivências artísticas, religiosas e espirituais da vida e da fé dos jovens de todo o mundo. Considerando o número de atos culturais que se realizarão em toda a cidade e a extensa representação de diversos países, é possível afirmar que, na Jornada, também ocorre um dos maiores festivais culturais do mundo.

Bispos

Setor responsável pela acolhida, hospedagem e logística dos bispos e cardeais durante a JMJ. Coordenadora: Martha Carneiro da Rocha
Equipe: Angela De Bellis, Celina Prisco Paraizo, Christine O. Bragança Gayoso, Christine O. Bragança Gilda Machado da Silva, Mariza Heck, Matilde Azevedo, Lupe Moreira. Voluntárias: Nathali Silva e Lorena Carvalho.



Relações Internacionais

Cuida das demandas de delegados nacionais e internacionais: Conferências Episcopais, Movimentos e Novas Comunidades. Procura conhecer os setores no COL para sanar as principais dúvidas dos delegados. É responsável por receber as visitas, apresentar o COL e o programa da JMJ. Responde e-mails nas mais variadas línguas e encaminha aos setores as questões apresentadas pelos delegados, cobrando resultado dos mesmos. É o setor que mantém um diálogo contínuo com o Pontifício Conselho para os Leigos (PCL), através de vídeo conferências entre setores e PCL. Durante a Jornada Mundial da Juventude será o S.O.S. para os delegados.



Centro de Gestão Integradas de Riscos

O setor é responsável por toda infraestrutura de tecnologia da informação e comunicação do COL e do Centro de Gestão Integrada de Riscos: equipamentos de rede; computadores; servidores; dispositivos móveis; links de dados (internet) e voz (telefonía); datacenter (provedor); e-mails (Google Apps); gerência dos sistemas de inscrição, hospedagem, voluntariado e logística; suporte aos usuários da rede local; entre outros. Nossa função é prestar apoio para todos os setores, quando solicitados, na contratação de serviços de tecnologia e aquisição de equipamentos.



1.4. Dados estatísticos

Segundo dados⁶ obtidos a partir de um estudo da Universidade Federal Fluminense (UFF), a Jornada Mundial da Juventude 2013:

- injetou um total de 1,8 bilhão na cidade;
- reuniu cerca de 3,7 milhões de pessoas na praia de Copacabana, tornando-se a maior aglomeração de pessoas na história do Rio de Janeiro;
- foi a segunda maior edição do evento em número de participantes, perdendo apenas para
- teve um total de 60% de participantes brasileiros, que tiveram um gasto médio de R\$49,70 por dia;
- recebeu 40% de argentinos do total de estrangeiros;
- arrecadou R\$800 mil em doações de peregrinos, organizados pelo COL;
- somou uma dívida de cerca de R\$150 milhões para o COL;
- entre os peregrinos, 54% eram homens e 70% deles tinham educação superior;
- os dados a respeito do gasto público divergem: há fontes que garantem um investimento de R\$118mi, enquanto a Prefeitura e o Governo do Estado falam de um total de R\$52mi investidos.

Quanto à estrutura do Rio de Janeiro, dados divulgados pela Embratur⁷ revelam:

- 79,4% dos estrangeiros avaliaram positivamente a sinalização da cidade;
- 76,5% avaliaram como ótimos ou bons os aeroportos da cidade;
- 73,2% aprovaram a segurança pública;
- 20,6% avaliaram como ruins ou péssimos os serviços de telefonia e acesso à internet;
- 13,3% desaprovou a limpeza pública;
- 8% dos peregrinos estrangeiros hospedaram-se em hotéis;
- 90% dos estrangeiros afirmou que gostaria de voltar ao Brasil.

6. Dados disponíveis em: (<http://www.rio2013.com/pt/noticias/detalhes/3495/jmj-rio2013-injeta-r-1-8-bi-no-rio-segundo-estudo>) e (<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/argentinos-eram-mais-de-40-dos-estrangeiros-na-jmj-diz-governo.html>).

7. A Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) é a autarquia especial do Ministério do Turismo responsável pela execução da Política Nacional de Turismo no que diz respeito à promoção, marketing e apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional. (Fonte: turismo.gov.br)

2. O documentário

A escolha do tema foi feita meses antes, em abril de 2013, ao notar a grande movimentação da mídia desde então acerca da visita do Papa e da JMJ em si. Como a expectativa era grande, e constantemente aumentada pelos veículos, refleti sobre a relevância do tema em seus aspectos jornalísticos. A escolha foi fácil, pois logo vi que, qualquer que fosse o foco a ser abordado, as possibilidades eram imensas. Além disso, por se tratar de um megaevento que prepara o Brasil para uma série de outros grandes acontecimentos, a experiência jornalística também seria muito relevante e sem dúvida viria a acrescentar. Resumindo, o potencial jornalístico do evento foi suficiente para que fosse feita a escolha do tema.

O nome “Outros Caminhos – Além do que se vê da JMJ” surgiu a partir de um desejo de deixar claro, desde o título, que o documentário apresentaria visões alternativas e até mesmo menos óbvias do que as veiculadas na mídia oficial. De fato, a estrutura de que dispúnhamos durante a Jornada, como repórteres independentes, inviabilizou qualquer tentativa de produção voltada ao Papa e aos eventos oficiais da JMJ. Além disso, até mesmo por questões pessoais, decidimos mostrar não apenas o lado religioso do evento, mas sim seus desdobramentos, para que não se tornasse um veículo vinculado aos ideais da Igreja.

Sendo assim, “Outros Caminhos” é um documentário de 21 minutos de duração, idealizado e custeado por mim; desempenhado por quatro repórteres, sendo três cinematográficos; e editado por mim.

2.1. Justificativa

A elaboração de um documentário que abranja o catolicismo no Brasil e a primeira visita do novo Papa ao país justifica-se pela relevância jornalística de ambos os temas. A religião é um fenômeno antropológico que permeia a vida em sociedade há séculos. E mais que isso, é capaz de reger e guiar atitudes humanas em menor ou maior grau. Sentir-se pertencente a uma religião faz parte também do processo de adaptação e inserção de um indivíduo em uma comunidade, ainda mais ressaltada em um evento de tal porte.

Sendo assim, reunir mais de 3 milhões de pessoas com um mesmo propósito – rezar pelo Deus cristão – torna-se uma forma de identificação e reconhecimento de iguais, além de proporcionar ao indivíduo sensações positivas que fortaleçam essa crença.

Em uma abordagem mais pragmática, a vinda de Papa Francisco ao Brasil em sua primeira viagem internacional é um evento que justifica uma cobertura mais aprofundada e detalhada. Primeiramente porque o assunto é pauta no mundo inteiro, ainda mais em um momento de transição da Igreja Católica. Segundo porque é uma possibilidade de oferecer uma visão menos alinhada com veículos tradicionais. Sendo assim, elaborar um produto que cubra, em qualquer formato, a visita de um chefe de Estado que também acumule o papel de líder da maior igreja do mundo, justifica-se em si mesmo: é um objeto de estudo jornalístico.

Arruda (2002), reitera:

“A tematização é um procedimento informativo que faz parte da hipótese da *agenda-setting*, representando uma modalidade que lhe é particular: tematizar um problema significa, na realidade, colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não tematizada

(ARRUDA apud WOFL, 2008:165)

Para aumentar ainda mais a relevância do momento histórico retratado no documentário, a Jornada Mundial da Juventude serve como mais um objeto de estudo com uma ampla possibilidade de cobertura. Por ser o terceiro maior evento do mundo, reunir cidadãos de inúmeras nacionalidades, envolver interesses de grupos políticos e sociais específicos, alterar completamente a rotina de uma das maiores cidades do país e ainda envolver investimentos públicos e privados, a Jornada não é apenas um evento católico. Ainda que fosse, sua cobertura já se justificaria. Entretanto, dada sua relevância e proporção, a cobertura jornalística sobre tal tema apresenta-se bem esclarecida desde seu início.

2.2. Objetivos

O objetivo primordial era o de desenvolver um documentário audiovisual satisfatório que desempenhasse satisfatoriamente o papel de Trabalho de Conclusão de Curso e que abordasse também de forma eficiente as pautas relacionadas aos eventos presenciados. Depois da discussão

acerca do roteiro, o objetivo secundário era o de vencer os desafios inerentes ao evento, que possivelmente – e de fato o fizeram – dificultariam a elaboração do documentário.

Além disso, um dos objetivos referentes ao produto em si era o de conseguir explorar a riqueza de pautas encontradas no Rio de Janeiro durante os dias da festa cristã. Dessa forma, explorar quantos ângulos fossem possíveis, entrevistar diferentes personalidades com diferentes pontos de vista e até mesmo conseguir manifestar implicitamente o ponto de vista dos realizadores também era um dos objetivos.

Por se tratar de um trabalho sem vínculo institucional, desenvolvido primordialmente para apresentação como Trabalho de Conclusão de Curso, a manifestação de opiniões e interpretações da própria equipe não foi um problema. Afinal de contas, como já sabemos, o jornalismo completamente neutro e imparcial é impossível, ainda mais em um evento com tamanho cunho ideológico.

2.3. Público-alvo

Apesar de se tratar de um documentário referente a um evento específico com caráter religioso, “Outros Caminhos” apresenta variáveis que o tornam relevantes para diversos públicos. Desta forma, o documentário destina-se, em primeira instância, à toda a comunidade católica e ao público participante da JMJ. Em segunda instância, destina-se também à comunidade agnóstica e atea, já que apresenta pontos de vista também compatíveis com tais pensamentos.

Além disso, por se tratar de um produto jornalístico produzido como requisito para conclusão de curso, destina-se à comunidade acadêmica e aos colegas de profissão.

3. Fundamentação teórica

3.1. A religiosidade e o catolicismo no Brasil

A análise a respeito do atual panorama do catolicismo no Brasil começa a partir de um trecho de “Formas Elementares da Vida Religiosa – O Sistema Totêmico na Austrália”, de Émile Durkheim (2003), que salienta:

“A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas, então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo”.

Desta forma, buscarei, nos próximos parágrafos, analisar corretamente o atual cenário que a religião católica protagoniza no país, depois de tantos séculos de dominação, e sua consequente relevância diante do megaevento religioso realizado em 2013.

Historicamente, o catolicismo constituiu-se como uma religião de dominação, fato justificado também pelo caráter expansivo dos países europeus, que usavam os preceitos religiosos para ampliar seu processo de colonização da América. Sendo assim, o catolicismo chegou ao Brasil através de missões jesuítas, que buscavam, primordialmente, a dominação

territorial, justificada pela imposição de uma nova crença aos nativos, baseada na vida de Jesus Cristo contada nas escrituras. Como ressalta Jean Comby, “a pregação do cristianismo no Novo Continente coincidiu com uma destruição das antigas culturas pré-colombianas (...)” (Para ler a História da Igreja – Das Origens ao Século XV, 1996). Entretanto, o cristianismo – que ainda encontra no catolicismo sua principal válvula de comunicação e doutrinação- consolidou-se como a maior religião do mundo, com cerca de 2,2 bilhões de adeptos, segundo a revista Super Interessante (As 8 maiores religiões do mundo, 2012).

Ao longo de seu percurso histórico, o catolicismo viveu momentos de glória e também de rejeição. A história da Igreja remonta ao ano 33, quando, segundo o Novo Testamento⁸, Cristo foi crucificado e ressuscitou, trazendo a Boa Nova. Entretanto, no momento em que surge, a nova religião é perseguida por afrontar dogmas instaurados pelos antigos impérios, como o Romano. A destruição de Jerusalém, em 70, por exemplo, é um momento que põe em xeque a nova religião. Entretanto, no século III, com o imperador Teodósio, o catolicismo é instaurado como religião oficial do Império pela primeira vez, numa estratégia política comum à época (em que religião e política eram extremamente relacionadas) e até hoje. Nesse momento, os crentes na nova religião assumem a posição de guerreiros, justificando atos de violência tão comuns à Igreja Católica, a fim de expandi-la.

“Em 380, o catolicismo é proclamado religião oficial por Teodósio. Os heréticos, assim como os pagãos, serão perseguidos: toda prática pagã é proibida em 392. (...) Os cristãos se julgam no direito de cometer atos de violência contra as pessoas e os lugares pagãos. A aniquilação é completa a partir do início do século IV. (...) O poder do Estado, outrora a serviço do paganismo, está agora a serviço do cristianismo. (...) Uma separação entre a religião e o Estado era inconcebível. A religião continuava sendo o fundamento e alicerce da sociedade”.

(Comby, 1996)

Cenário parecido é encontrado na Europa do século XI, que, após a devastação das invasões bárbaras, conseguiu se reconstruir. A fim de recuperar o domínio de Jerusalém, o Papa Urbano II convocou expedições para recuperar a Terra Santa, conhecida como Cruzadas, em que o interesse da aristocracia feudal também era refletido. Historicamente, as Cruzadas resultaram em um movimento violento que não atingiu seu objetivo e enfraqueceu a própria aristocracia que a financiava. Sendo assim, é preciso compreender de que forma uma religião que se disseminou através da dominação e que ao longo dos séculos, especificamente XX e XXI, apresentou uma forte queda no número de adeptos, permanece tão influente na vida em sociedade.

8. Embora a Bíblia registre outros acontecimentos ligados à vida de Jesus e do povo hebreu já no Antigo Testamento, o cristianismo doutrina-se a partir do ano zero, supostamente o ano em que Jesus nasceu e teve início o Novo Testamento.

Émile Durkheim explica em “As Formas Elementares da Vida Religiosa” que a natureza religiosa do ser humano justifica sua vinculação a uma doutrina. É também o caráter social do homem, comprovado há séculos, que mantém tais doutrinas permanentes no tempo e no espaço, na medida em que a sociedade evolui. A religião é uma forma de identificação do homem em um contexto social, e essa afirmação pode ser ainda mais percebida e comprovada ao se observar um evento que reúne mais de 3 milhões de pessoas, de todas as partes do mundo, acerca de um ideal: adorar a Jesus Cristo e a seu suposto representante na terra. Ainda que alguns preceitos cristãos passem despercebidos pela maioria da população, são eles que organizam, em vários momentos, o comportamento da sociedade. Tomem-se como exemplo os feriados nacionais: a maioria deles comemora uma data cristã (Páscoa, Corpus Christi, Natal, por exemplo). Até mesmo a organização do tempo é resultado de preceitos bíblicos: Deus criou o mundo em seis dias, e no sétimo, descansou. A partir daí, justifica-se a organização do tempo em dias e semanas.

No Brasil, o catolicismo também protagonizou uma forte ascensão ao longo dos séculos. Entretanto, segundo os últimos censos realizados no país, a religião católica entrou em crise há 40 anos, quando seu número de fieis passou a diminuir, enquanto o de outras religiões cresceu. Segundo um estudo feito por Silvia Regina Fernandes, publicado na revista Estudos de Sociologia,

O cenário religioso brasileiro abrange uma infinidade de temas, tais como o trânsito religioso (ALMEIDA, 2006; FERNANDES, 2006); a religiosidade dos sem-religião (NOVAES, 2006; FERNANDES, 2006); as mudanças internas do catolicismo (MARIZ, 2005; SANCHIS, 2001), dentre outros. A maioria desses trabalhos, de natureza qualitativa, sinalizou para um consenso sobre o status do catolicismo na sociedade brasileira: a fragilização de sua hegemonia mesmo se considerados os sincretismos inerentes à formação religiosa do país. Constata-se, portanto, que nos últimos quarenta anos a Igreja Católica se confrontou com uma concorrência religiosa que a tem desestabilizado ante o estatuto de religião herdada e professada como um dos elementos da identidade nacional e individual.

(Fernandes, 2013)

Em uma coluna do jornal O Globo de 26/07/2013, a teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer ressalta:

O próprio documento de conclusões da V Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Aparecida, São Paulo, detecta isso em sua primeira parte: “Nas últimas décadas, vemos com preocupação que, por um lado, numerosas pessoas perdem o sentido transcendental de suas vidas e abandonam as práticas religiosas; e, por outro lado, significativo número de católicos está abandonando a Igreja para entrar em

outros grupos religiosos. Ainda que este seja um problema real em todos os países latino-americanos e caribenhos, não existe homogeneidade no que se refere a suas dimensões e sua diversidade”.

A crise do catolicismo é notória e perceptível no país. Enquanto o Censo 2000 revelou um contingente de 73,6% de católicos no país, o Censo de 2010, que contabilizou o número de fiéis das três principais tendências de identificação religiosa no Brasil, revela que o total de fiéis católicos caiu para 64%, enquanto o de evangélicos subiu para 22,2% (um aumento de 44% em dez anos) e os sem religião somaram 8% (crescimento de 70% em relação ao último Censo). Isso revela uma crise com os dogmas e preceitos pregados pela antiga religião. Curiosamente também, a comparação entre os dois últimos recenseamento mostra que a maior parte dos católicos brasileiros tem mais de 40 anos. Algumas justificativas⁹ apresentadas para tamanho declínio são: a concorrência de outras igrejas, que apresentam novas doutrinas e formas de culto; a resistência da Igreja Católica contra assuntos atuais como o aborto, a homossexualidade e o uso da camisinha; e a falta de iniciativas de renovação.

E mais: os dados revelam ainda que o Rio de Janeiro é o estado com o menor índice proporcional de católicos (55,7%), enquanto a população católica da capital representa um total de 51%. Não obstante, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para sediar o evento da JMJ. Pode-se deduzir que tal escolha, que além de revelar interesses políticos locais, tenha sido feita pela igreja como uma tentativa de reaproximação com seu público. Outro fato que permite um novo fôlego à igreja católica é a escolha de Papa Francisco como seu novo líder.

3.2. O novo Papa: reflexos da chegada de Francisco

Jorge Mario Bergolio nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 17 de dezembro de 1936. Sua relação com a igreja começou aos 32 anos, após ter perdido parte de um pulmão por causa de uma infecção. A partir daí, entrou na Ordem dos Jesuítas, abandonando os estudos em Química. Bergolio tornou-se bispo em 1992 e arcebispo de Buenos Aires em 1998. Em 2001, quando a Argentina enfrentava uma crise econômica, ele foi nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II, graças a sua constante defesa aos pobres e a seu discurso contra a desigualdade social.

No conclave de 2005, que elegeu Bento XVI como novo líder da Igreja, Jorge Bergolio ficou em segundo lugar. Entretanto, seu nome foi uma surpresa em 2013, já que não constava em nenhuma lista de favoritos feita pela imprensa. Em seus discursos, Jorge Bergolio sempre defendeu a inclusão social, a simplicidade e a participação da mulher e da juventude na igreja. Entretanto, manteve-se conservador em relação a assuntos como homossexualidade e interrupção da gravidez.

9. Disponíveis em: Revista Estudos de Sociologia, Ed. 34.

As primeiras atitudes de Jorge Bergolio como Papa, eleito em 13 de março de 2013, já surpreenderam. Primeiro a adotar o nome de São Francisco de Assis (santo da igreja que abdicou a toda sua riqueza para destiná-la aos pobres e para viver uma vida mais simples), Papa Francisco abriu mão de todo o tradicional luxo que cerca sua posição. Em sua primeira aparição pública, recusou a tradicional estola vermelha papal, abriu mão do carro oficial do Vaticano para circular em um ônibus com os outros cardeais e ainda pagou a própria conta do hotel em que ficou hospedado no Vaticano.

Em um momento em que a Igreja Católica vivia uma crise permeada por escândalos de corrupção e pedofilia, a postura simples e popular de Papa Francisco logo chamou a atenção de todas as religiões. Em seus discursos, Francisco reforça que é uma pessoa comum, assim como todos os outros fieis. Além disso, assume um papel crítico – esperado pelos próprios fieis diante de um momento tão turbulento- à própria igreja em relação aos escândalos recém-protagonizados. Em um recente discurso, o Papa pediu para que os fieis sintam vergonha dos escândalos da Igreja. Além disso, Francisco se envolveu em questões de cunho político e social, em que assumiu mais uma vez um discurso simplista e voltado à igualdade social. Durante o Fórum Econômico Mundial, que aconteceu na Suíça entre os dias 21 e 25 de janeiro de 2013, o pontífice clamou para que o evento se traduza em “uma ocasião para refletir sobre as causas da crise econômica”. Em seu discurso, ele ressaltou:

“Os sucessos conseguidos e que levaram à redução da pobreza de um grande número de pessoas frequentemente representaram também uma difusa exclusão social. De fato, a maior parte dos homens e das mulheres de nosso tempo vive ainda sob uma precariedade cotidiana, com consequências em algumas ocasiões dramáticas. Não se pode tolerar que milhões de pessoas morram a cada dia de fome, principalmente quando existem quantidades ingentes de comida que, frequentemente, são simplesmente desperdiçadas”.
(Revista Exame, 2013)

De fato, o comportamento de Francisco representou, para muitos, uma ruptura com a postura arcaica e distante da igreja católica. No Brasil, ele novamente surpreendeu a dispensar o carro fechado e circular apenas em carros com os vidros abertos ou sem vidros nas laterais, permitindo até mesmo a aproximação do público. O que se viu, além da segunda maior edição da história da JMJ, foi uma legião de fieis que, aparentemente, vieram até o Brasil com a intenção de ver o Papa Francisco. Tal fato pode ser percebido no início do documentário, em que, ao serem perguntados sobre o motivo por estarem na JMJ, muitos fieis responderam: “para ver o Papa”. Ao mesmo tempo, conforme percebemos durante as entrevistas feitas ao longo do documentário, pessoas de diferentes religiões parecem aprovar a postura do novo Papa, ressaltando seu sutil envolvimento com assuntos estratégicos e sua constante demonstração de simplicidade. Além disso, como já citado anteriormente, o maior público estrangeiro do evento foi argentino – conterrâneos do novo Papa.

4. O gênero documentário

Para diferenciar o gênero jornalístico do documentário dos demais, é preciso levar em conta uma série de elementos que o constituem. Ao afirmar, por exemplo, que o que caracteriza o documentário é a profundidade com que ele aborda um assunto, deixa-se de lado outras especificidades em relação à sua narrativa, construção estrutural e discurso, embora não seja uma afirmação inválida. Entretanto, o parâmetro que representa a profundidade com que um assunto é tratado não é pré-definido; não existe um limite estabelecido. Sendo assim, é preciso delimitar quais elementos fazem de um produto jornalístico um documentário, diferenciando-o de grandes reportagens, por exemplo, que também exploram um tema com mais aprofundamento.

Afirmar que um documentário audiovisual se caracteriza por sua duração também permite um padrão errôneo de definição. Como ressaltam Melo, Gomes e Moraes, “seria inconsistente classificar uma matéria que dure 15 minutos como reportagem, e uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário”.

De acordo com a revista PJ:BR – Jornalismo Brasileiro, publicada pela USP:

“O documentário é o formato de produção audiovisual que lida com a verdade, mostra fatos reais ou não imaginários, o que normalmente chamamos de “não-ficção”. Aborda um tema ou assunto em profundidade a partir da seleção de alguns aspectos e representações auditivas e visuais. Para eleger um tema é preciso pensar sobre a sua importância história, social, política, cultural,

científica ou econômica. Além disso, não devemos esquecer que o documentário pode reconstituir ou analisar assuntos contemporâneos de nosso mundo histórico vistos por uma perspectiva crítica”.

Levando em conta que a realidade representada no documentário é resultado de concepções e interferências entre o autor e quem reproduz a fala, no caso, o entrevistado, reitera-se a afirmação de que um fazer jornalístico totalmente imparcial é impossível. Sendo assim, o documentário exhibe interpretações da realidade, resultados de estratégias de sequência e reproduções de contextos histórico-sociais do fato retratado. Pode-se dizer que o autor do documentário cria uma nova situação a partir de um fato já ocorrido, construindo também não uma reprodução fiel da realidade, mas sim, uma interpretação. Dessa forma, mesmo se constituindo como um discurso sobre o real, o documentário é uma construção sobre o mesmo real. Ao ter contato com uma realidade proposta por um produto jornalístico, o público já a recebe após uma sucessão de filtros. “Nesse espaço em que os fatos “se movem” diante dos nossos olhos, o acontecimento narrado se apresenta como se fosse o vivido e, por uma ilusão de colagem desses dois tempos, as imagens que pretendem explicar o mundo apresentam-se como espelhos”, ressalta Resende em “Profissão Repórter em Diálogo” (2002). É aquilo que defende Cristina Vieira de Melo em “O documentário como gênero audiovisual”:

“Ao contrário do que ocorre com os gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário a parcialidade é bem-vinda. O documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende.”
(MELO, 2002).

Através da construção narrativa, o documentário explora um tema através da progressão textual, em que reforça determinados aspectos da realidade a serem retratados. Para tanto, utiliza-se de recursos textuais e de especificidades do próprio gênero, como a fotografia e a imagem. Segundo Bakhtin, a polifonia é um recurso que, em produtos audiovisuais, retrata as diferentes vozes que constroem a narrativa:

“a polifonia surge quando um único texto reúne ideias e concepções de mundo que na própria realidade podem ser dispersas e surdas umas em relação às outras, proporcionando o cruzamento das várias vozes sociais, que se complementam ou polemizam entre si no espaço textual”.

(MELO apud BAKHTIN, 2002)

Já Arlindo Machado, em “A Ilusão Especular” (1984), ressalta que os aspectos técnicos de que dispõe o audiovisual (iluminação, lentes, enquadramento, cores, foco) podem proporcionar novas interpretações sobre a imagem. Ou seja, quem opera a câmera pode reproduzir diferentes aspectos da realidade a partir dos próprios elementos técnicos de que usufrui com o aparelho.

No caso de “Outros Caminhos”, um dos recursos mais usados para a construção da narrativa foi a voz do entrevistado. Tanto que a voz dos jornalistas aparecem em raros momentos, seja na reprodução de perguntas feitas aos entrevistados ou na localização espaço-tempo em que a cena ocorre. Tal escolha foi feita como mais uma tentativa de não-interferência na realidade ali retratada. Mais uma vez, foi levado em conta (principalmente na formulação do roteiro e na edição) que não existe jornalismo totalmente neutro, mas, ainda assim, buscou-se retratar a concepção de realidade dos que estavam ali presentes e que integraram o documentário. Cremilda Medina explica:

“É mergulhado nas personalidades, nos conhecimentos de cada pessoa a ser entrevistada, que o jornalista consegue avançar na revelação possível do fato ao seu leitor (já que esse acontecimento é sempre formado por ações e compreensões humanas). Isso não significa que o repórter deva ser ingênuo e fugir das perguntas constrangedoras ou do enfrentamento, mas, sim, que isso deva ser feito com questões inteligentes, elaboradas por meio de pesquisa intensa e uso adequado da linguagem (ou seja, por meio de técnicas jornalísticas). Assim, não há protagonismo único, mas compartilhado, entre entrevistador e entrevistado”.

(MEDINA, 2008)

5. Especificações técnicas

O documentário “Outros Caminhos – Além do que se vê da JMJ” foi gravado entre os dias 23 e 27 de julho de 2013. As imagens foram feitas em HD e o produto final tem duração de 21’14”.

O produto foi filmado com três câmeras profissionais: Canon EOS Rebel T2I 550D; Canon EOS 60D e Canon EOA T3I 600D. As lentes usadas nos três aparelhos foram modelo 18-135mm (alcance). Além disso, foi usada a câmera AEE Action Camcorder, mas suas imagens não foram aproveitadas no documentário.

O programa usado para a edição final foi o Adobe Premiere Pro, versão CS5.5. A sequência de imagens foi desenvolvida na resolução 1920x1080 pixels (relação largura x altura que equivale a 1920 linhas de resolução vertical por 1080 linhas de resolução horizontal), resultando em um produto widescreen, com qualidade HDTV, e a cadência é de 24 frames por segundo (número de imagens que o dispositivo registra e processa por segundo).

6. Diário de Campo

A missão em busca do material sobre a JMJ começou ainda em Bauru, no dia 20 de julho. A ideia era garantir, ainda em Bauru, o máximo de material que conseguíssemos. Depois de reuniões para estabelecer a programação a ser seguida no Rio de Janeiro, passamos para as entrevistas em Bauru.

Nossa expectativa nunca foi mostrar a Jornada em si e seus grandes momentos. De acordo com nosso planejamento, e até mesmo de nossas convicções, buscávamos mostrar como um evento de tal porte impactaria na cidade do Rio de Janeiro, tanto positiva quanto negativamente. Apesar do contingente católico que se dirigiu à cidade, queríamos também tomar o cuidado de ouvir o outro lado, de quem não acredita nesta religião ou não concorda com a realização do evento. Sendo assim, nos programamos para cobrir os dois lados: o da festa cristã e o do caos promovido inevitavelmente pela JMJ.

20 de julho, sábado:

No sábado, entrevistei a peregrina Ana Paula Baptistão, na companhia do repórter cinematográfico Diogo Yudi. Ana Paula foi uma das responsáveis por uma caravana de várias paróquias que saíram de Bauru. Agendamos a entrevista na casa dela e conversamos sobre a Semana Missionária, a expectativa dela para o evento e as experiências anteriores, já que Ana

Paula já participou de outros eventos internacionais voltados à juventude católica. Durante a conversa, Ana Paula permitiu que filmássemos a partida de seu grupo, que aconteceria na noite seguinte.

21 de julho, domingo:

No domingo à noite, nos dirigimos (eu, Diogo Yudi e Bruno Ferrari) a um bufê onde um grupo de cerca de 150 pessoas se reunia para se preparar para a partida. Os integrantes faziam parte de paróquias de Bauru. Lá, entrevistamos também Daniel, um jovem que participou da JMJ anterior, em Madri, em 2011. Em seguida, gravamos a partida do grupo, que se organizou em quatro ônibus em direção ao Rio de Janeiro.

23 de julho, terça-feira:

Saímos de Bauru – eu, Diogo Yudi e Bruno Ferrari – na terça-feira, por volta das 14h. a previsão era de que chegássemos a Seropédica, onde passaríamos a noite, por volta de 0h e no dia seguinte, seguíssimos viagem em direção ao Rio de Janeiro. No caminho, buscamos o repórter cinematográfico Vinicius Denadai, que também fez parte da captação de imagens e ainda fizemos uma parada em São Paulo para buscar equipamento. Chegamos a Seropédica à 1h da manhã.

24 de julho, quarta-feira:

Além do desafio de descobrir onde ficam os bairros de Santa Cruz e Guaratiba – paradas obrigatórias – enfrentamos a multidão logo na chegada. Nossa primeira parada era uma paróquia em Santa Cruz, região oeste do Rio de Janeiro, distante cerca de 60km de Copacabana, onde conseguiríamos retirar nossos kits peregrino, que traziam os vales alimentação e transporte, além das informações necessárias. Ficamos cerca de 2h na fila, num dia de muito frio e chuva. Depois de conseguirmos retirar os kits, seguimos em direção a Sepetiba, ainda mais distante, onde ficaríamos hospedados conforme a organização da JMJ designou. Chegando lá (debaixo de muita chuva e muito frio), esperamos por mais cerca de 2h pelo almoço e pela definição de onde nos hospedaríamos.

Soubemos pelas pessoas ao nosso redor que a organização da JMJ havia estipulado que o vale transporte que os peregrinos recebiam não seria válido para o metrô durante todos os dias. O panfleto informativo que recebemos com o kit confirmava que, para usarmos o metrô e o trem nos dias 24 e 25, precisaríamos solicitar um ticket especial, a ser retirado na estação Largo da Carioca, até o dia 23. Sendo assim, nos deslocamos até a estação (ainda debaixo de chuva) na tentativa de trocarmos nosso ticket. Chegamos lá por volta das 20h, onde cerca de 20 mil pessoas tentavam fazer o mesmo. Ou seja: desistimos em 20 minutos. Logo em seguida, nos dirigimos para a Lapa, onde um de nosso entrevistados – Milson Costa – havia agendado a entrevista. O local escolhido foi a choperia Brazooka, que – apesar do barulho, oferecia um cenário incrível para as filmagens, além de muitos gringos festando ao som do autêntico samba carioca.

Na volta, durante a caminhada caótica até o metrô Siqueira Campos (o mais próximo em funcionamento), encontramos uma manifestação contra o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, que acompanhamos e filmamos.

25 de julho, quinta-feira:

A quinta-feira era um dia de expectativa para todos nós. Seria o dia em que o Papa chegaria de Aparecida do Norte e logo seria recebido por uma missa em Copacabana, a Missa de Acolhida. Como sabíamos que praticamente todos os 3 milhões de inscritos na Jornada também se dirigiriam ao evento, partimos de Sepetiba logo cedo, por volta das 12h, para nos posicionarmos, já que a missa estava prevista para as 19h. Chegando lá, encontramos aquilo que de fato esperávamos: muita gente.

Logo vimos que chegar perto do Papa seria uma tarefa impossível, visto que, além da distância de segurança e das limitações técnicas, precisaríamos vencer uma multidão ansiosa para ver o Papa. Mudamos o foco ali mesmo e passamos a filmar o que não parecia tão óbvio. No documentário, a Missa de Acolhida é o momento que traduz a festa da Jornada, onde encontramos pessoas de todas as nações visivelmente animadas e ansiosas. A impressão de que tivemos é a de que toda aquela gente estava lá exatamente para ver o Papa, mas com as mesmas dificuldades que nós.

Mais uma vez, encontramos uma manifestação política no caminho de volta, que também foi contemplada.

26 de julho, sexta-feira:

Na sexta-feira, fomos surpreendidos pelo sol e pela sorte. Saímos de Sepetiba logo depois do almoço e já exaustos com o planejamento de filmar os protestos e a Marcha das Vadias, programada para aquele dia. No caminho, entretanto, o sol finalmente resolveu dar as caras. Decidimos descer em Ipanema, onde poderíamos fazer algumas imagens para a fotografia do documentário, já que finalmente o tempo permitia isso.

Perto do pôr do sol, que assistimos do Arpoador, ouvimos a Marcha das Vadias se aproximar. Aproveitamos a sorte e entramos na manifestação, onde conseguimos imagens chocantes e depoimentos exaltados com várias opiniões. O interessante era observar a reação dos peregrinos ao redor ao ver tantos seios de fora e pessoas gritando “Xota M Xota”. A Marcha passou até mesmo em frente a uma igreja católica, chocando os religiosos presentes. Até então, todos os protestos que havíamos encontrado tinham cunho político e não se dirigiam à presença do Papa. A Marcha das Vadias, apesar de reivindicar pautas distintas do Cristianismo, deu um recado direto e contundente através de seus gritos, faixas e trajes: abaixo à opressão da Igreja.

27 de julho, sábado:

A essa altura, já estávamos bastante felizes com o material. Nos restava ainda um evento para cobrir – e ainda assim, o fizemos por desengargo de consciência. A vigília era um dos momentos mais esperados pelos peregrinos e até mesmo por nós, já que sua realização revelou uma série de escândalos e falcatuas ocultas envolvendo a política carioca, que conseguimos até explorar durante os protestos. Como já dito, tratava-se apenas de cumprir o protocolo e mostrar mais uma parte da JMJ, já que não passaríamos a noite na praia. De fato, o que nos chocou é que, em uma aglomeração de 3 milhões de pessoas, é praticamente impossível observar momentos de oração e adoração intensos. Apesar da tentativa de produzir uma estrutura que atendesse a tanta gente, as palavras ditas pelo Papa durante a vigília não chegavam nem na metade do caminho de toda a gente que se acumulava na areia da praia.

28 de julho, domingo:

Finalmente, o retorno para casa.

Novembro e dezembro de 2013 e janeiro de 2014:

Depois de passado o sufoco das gravações e do merecido tempo de descanso, chegou a hora de rever todo o material e editá-lo para que tomasse forma o documentário. Optei por fazer a edição sozinha, por isso, quaisquer ideias ou conceitos encontrados ou decifráveis no vídeo são de minha responsabilidade. Sem um tempo pré-estabelecido, a intenção foi explorar diferentes polos captados pelas câmeras. Se, por um lado, a comunidade cristã estava em festa, por outro, cidadãos cariocas não aprovaram e se revoltaram com o evento. Foi esse o tipo de dicotomia que buscamos registrar durante nossos dias de filmagem, e essa proposta foi seguida durante a edição.

6. Conclusão

O processo de elaboração do documentário “Outros Caminhos – Além do que se vê da JMJ” foi longo, mas em momento algum posso dizer que foi doloroso. Desde o momento em que defini o tema e o roteiro, me apaixonei pelo que estava prestes a fazer. Sem dúvida surgiram dificuldades ao longo do processo, e aqui vale ressaltar: o tamanho do próprio evento, que por si só já foi um desafio; a distância de tudo – desde Bauru ao Rio de Janeiro até as distâncias na própria cidade; o rompimento de um acordo entre os participantes e a falta de conhecimento em edição. Mas ao concluir o projeto, vejo claramente que essas dificuldades foram oportunidades para que eu ampliasse meus conhecimentos em jornalismo e me apaixonasse ainda mais pelo meu documentário.

Fazer uma cobertura do terceiro maior evento do mundo é arriscado. É claro que tínhamos ali uma infinidade de abordagens possíveis, o que tornava praticamente impossível que tudo desse errado. Mas corríamos riscos. Como meu orientador me alertou várias vezes, “tome cuidado”, “vá com outras pessoas, não ande sozinha” e “cuide dos equipamentos” foram preocupações constantes e pertinentes. Além disso, corríamos o risco de, mesmo conseguindo material, não conseguir aquilo que queríamos. E aí, não haveria uma segunda chance.

Entretanto, considero o resultado emocionante. Quando cheguei de viagem e me destinei a decupar todo o material, foi um êxtase. Um êxtase de rever toda aquela atmosfera, a qual era impossível ficar alheia. Êxtase de ver a riqueza daquilo que tínhamos conseguido e da generosidade das pessoas com quem tivemos contato. Êxtase de concluir que sim, tínhamos dado conta do recado e que, com tudo aquilo em mãos, o documentário poderia ficar ótimo (pelo menos para a autora).

Academicamente falando, a produção de “Outros Caminhos” ampliou e muito meus conhecimentos sobre produtos audiovisuais, cobertura de grandes eventos e edição. Isso porque considero este meu primeiro grande projeto em todos os itens. É claro que os conhecimentos que tive ao longo da graduação acerca de jornalismo televisivo ajudaram e muito a até mesmo optar por este produto. Entretanto, era um trabalho feito a várias mãos, extremamente mais simples, rápido e objetivo. O documentário foi uma chance de fazer aquilo que eu queria. Quando chegou a hora de editar tudo e transformar em um vídeo só, acreditei que estava com um problema: as pessoas que anteriormente estavam responsáveis pela maior parte da edição desistiram, e eu tive que assumir. Pouco familiarizada com o Adobe Premiere, achei que o produto não ficaria bom. Entretanto, com muita paciência, tentativa e erro e autodidatismo, tomei mais conhecimento das funções do programa e deixei o documentário mais uma vez como eu queria.

Dessa forma, Acredito que “Outros Caminhos” seja um trabalho relevante para todos aqueles que estejam dispostos a discutir a religião e o jornalismo em todas as suas esferas, dispostos a observar os vários lados de um fato, de uma realidade, não necessariamente mudando de opinião a respeito dela, mas ouvindo e respeitando aquelas que são distintas. Com a crença de um documentário só atinge seu objetivo quando é visto e chega ao espectador, finalizo o projeto emocionada, orgulhosa e com sensação de dever cumprido.

7. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Tradução de Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. Revista PJ: Br – Jornalismo Brasileiro. Edição 07. 2º semestre de 2006. São Paulo: USP.

COMBY, Jean. Para ler a história da igreja: das origens ao século XV. Tradução: Maria Stela Gonçalves. 2ª edição. São Paulo: Loyola, setembro de 1996. 191p.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 358p.

GOMES, Mayra Rodrigues e SOARES, Rosana de Lima. Profissão Repórter em Diálogo. São Paulo: Alameda, 2002. 294p.

MACHADO, Arlindo. A ilusão especular: introdução à fotografia. Brasília: Brasiliense, 1984. 159p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

MELO, Cristina, GOMES, Isaltina e MORAIS, Wilma. O documentário como gênero jornalístico televisivo. Intercom. 2002.

Jornal do Brasil. Jornada Mundial da Juventude reuniu 3,7 milhões de pessoas. Disponível em: <http://www.jb.com.br/jmj-2013/noticias/2013/07/30/jornada-mundial-da-juventude-reuniu-37-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

Jornal O Globo. O catolicismo no Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/o-catolicismo-no-brasil-9192762>. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

Site do Vaticano. Disponível em: vatican.va. Acesso em janeiro de 2014.

Site da JMJ. Disponível em: rio2013.com.br. Acesso em janeiro de 2014.

8. Anexos

Heróis e vilões não cabem na reportagem

O debate que a Mídia Ninja tornou visível é maior do que Pablo Capilé e o Fora do Eixo

ELIANE BRUM

As ruas, as de paralelepípedos e as de bytes, foram tomadas nas últimas semanas por um debate que opôs o que se tem chamado de “mídia tradicional” ou “grande mídia” a esta que se apresenta como “Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Em especial a partir do momento em que ficou clara a ligação entre o coletivo Fora do Eixo e a Mídia Ninja, no programa **Roda Viva**, da TV Cultura, que colocou Pablo Capilé e Bruno Torturra no centro da roda. Pessoas que conheciam o Fora do Eixo por dentro deram depoimentos arrasadores nas redes sociais. Artigos sobre o funcionamento do grupo, que a maioria dos brasileiros desconhecia, ganharam destaque na imprensa. É importante conhecer o Fora do Eixo e pensar a Mídia Ninja em toda sua complexidade e com todas suas contradições. Mas também é igualmente importante escapar de uma luta colocada em termos do bem contra o mal, que parece ter se imposto de parte a parte em alguns espaços, porque é nesse maniqueísmo que a

complexidade se esvai. O maniqueísmo funciona como silenciador de sentidos, ao virar uma armadilha que nos desvia de um caminho mais penoso e menos imediato, povoado por dúvidas, em que cada um precisa confrontar seus próprios dogmas e assumir a tarefa, sempre trabalhosa e cheia de percalços, de construir conhecimento. Em momentos tão ricos como o que vivemos hoje, ganhamos possibilidades se formos capazes de ampliar e complicar as perguntas, em vez de encontrar respostas rápidas e fechadas que as matem antes de nascer.

A Mídia Ninja colocou no centro um debate sobre jornalismo que até então fluía nas bordas. Esse debate é anterior a ela. É travado por vários protagonistas, individuais e coletivos, inclusive dentro das redações da imprensa tradicional. Ao tornar-se visível nas manifestações de junho, destaque na imprensa brasileira e internacional, a Mídia Ninja o tornou visível. Esse talvez seja o seu maior mérito.

Será uma pena se o debate sobre jornalismo for calado, como tem acontecido, em nome de saber se Pablo Capilé é herói ou vilão, visão que tem variado conforme o narrador. Nesse debate, não há respostas únicas nem fechadas, muito menos detentores da verdade absoluta, a mais inverossímil das invenções humanas. Se é importante conhecer em profundidade o Fora do Eixo e sua figura central – e acho que é –, também é importante não reduzir um debate que é maior. Tratando aquele que é apenas um dos protagonistas como se fosse o único, ao desqualificá-lo, desqualifica-se toda a discussão. Isso é uma modalidade de silenciamento. Sem esquecer que o jornalismo se engrandece na medida em que se afasta dos heróis e dos vilões, sempre pobres de humanidade. É ao debate sobre jornalismo – e especialmente sobre reportagem – que me parece importante voltar.

Ao longo do século 20, a imprensa consolidou uma hegemonia na tarefa de documentar sua época. Tornou-se a principal, às vezes a única, versão sobre os acontecimentos. Definiu o que era um acontecimento que merecia ser contado e o que não era e poderia ser apagado, na medida em que não virava narrativa. É importante sublinhar que, para a maioria dos homens e das mulheres que constroem o país, o mundo ou a aldeia em sua existência cotidiana, não ser reconhecido na narrativa da História tinha – e tem – um efeito brutal. A invisibilidade é, talvez, a violência que inaugura todas as outras.

A imprensa cumpriu bem o papel de documentar sua época sempre que ampliou as vozes e alcançou uma narrativa múltipla, complexa e contraditória do seu tempo. Cumpriu mal seu papel quando reduziu as versões e deixou de contar capítulos inteiros. Falhou miseravelmente todas as vezes em que tentou se colocar como totalmente isenta, imparcial e objetiva – ou como detentora de uma verdade única.

Essa relação entre quem conta e quem é contado – ou não é contado – nunca foi tranquila nem pacífica, já que é feita por homens e mulheres, não por uma entidade acima e ao largo de tudo. As batalhas foram e são travadas dentro e fora das redações, num embate necessário entre

visões de mundo. Dentro das redações sempre existiram focos de discordância da posição editorial do veículo – e eram melhores os veículos em que essa disputa se dava como parte do cotidiano. Outros espaços foram criados para transformar em acontecimentos as pessoas, os fatos e as denúncias ignorados pela imprensa tradicional, como ocorreu na época da ditadura militar com a “imprensa alternativa”. Soa um tanto estúpido acreditar que a imprensa pudesse não ser afetada pela vida e pelas vidas. E a vida e as vidas sempre vazaram dentro e fora das redações. A documentação da história em movimento – a matéria do jornalismo – é um embate no campo da política. E também é disso que se trata agora.

A internet quebrou a hegemonia da imprensa, na medida em que criou novos espaços de documentação, para além dos tradicionais, e permitiu a ampliação dos narradores numa escala antes impossível de ser atingida. E na medida também em que eliminou uma mediação, antes feita principalmente por jornalistas. Aqueles que não eram contados passaram a ter os meios para contar e ser escutados por outros também não contados. Aqueles que eram contados, mas discordavam da versão sobre si mesmos – e não falo apenas de indivíduos, mas também de grupos e de linhas de pensamento – passaram a produzir outras narrativas em resposta, no minuto seguinte. Sobre esse aspecto, talvez o episódio recente em que isso tenha ficado mais claro seja a declaração de morte de um grupo de guaranis caiobás, no ano passado. A carta foi amplamente divulgada nas redes sociais. Brasileiros urbanos passaram a falar, pelo Twitter e pelo Facebook, diretamente com as lideranças indígenas. Essa narrativa, construída à parte dos veículos tradicionais, impôs a questão tanto à pauta do governo quanto à da própria imprensa.

A ampliação das narrativas e a democratização do acesso aos meios de narração, pelo surgimento da internet, são compreendidas em alguns espaços como o fim do jornalismo. Discordo totalmente dessa tese. No meu ponto de vista, para que essa tese pudesse ter consistência seria preciso encarar o jornalismo como algo imutável e dado, algo que teria sido sempre como hoje o conhecemos – e já estamos desconhecendo. O processo histórico mostra que o jornalismo é um campo em construção, dissolução e transformação, como tudo. E não poderia ser diferente, na medida em que está em disputa a narrativa do presente -- algo que causa enorme impacto tanto sobre o próprio presente como também sobre a forma como ele será interpretado no futuro.

Nem me parece que a crise se restrinja a um modelo de negócios que precisa ser reinventado. Também é isso, mas não só. Estamos diante de uma mudança mais ampla, sobre a qual temos poucas pistas e certezas muito frágeis. Ao mesmo tempo que essa mudança ultrapassa o jornalismo, é também contada por ele. Isso mostra não sua decadência, mas sua força. Parece mais claro é que esta é uma crise de hegemonia. Terá mais chance de se reinventar quem aceitar que as narrativas agora se dão em múltiplos espaços.

Se é fato que hoje todos podem contar e se contar, que a definição do que é acontecimento se tornou território de um conflito com um número maior de participantes, travado para muito além das redações e dos espaços tradicionais de poder, também é fato que se

fazer ouvir/ler/assistir tornou-se mais trabalhoso, e sem nenhuma garantia. O leitor – aqui entendido não apenas como leitor de textos escritos, mas como um leitor de realidades múltiplas – é hoje também um escritor de realidades. Não só na medida da sua produção pessoal, mas também porque continua a escrever os textos com sua opinião, discordância, sugestões, teses, ponderações e dúvidas, mesmo nos espaços tradicionais do jornalismo. Com esse aumento de poder de escolha e de intervenção, o leitor tem-se tornado mais seletivo ao escolher com quem e com quem gastará seu tempo – e faz essa seleção numa paleta mais ampla. Esse deslocamento do lugar do leitor, antes um receptor até certo ponto passivo, provoca uma desacomodação geral.

Minha hipótese é de que o jornalismo, nos meios tradicionais e também nos novos, terá importância nesse mundo em aberto se for capaz de fortalecer e qualificar aquilo que é sua carne, sua espinha e também sua alma: a reportagem. Se, em vez disso, quiser competir com as narrativas ligeiras e superficiais que abundam na internet, perderá seu ponto de diferença. Pode até conseguir aumentar o número de acessos para suas páginas de imediato, mas, a médio prazo, perderá reputação e, por consequência, espaço e relevância.

Não sei como os espaços de reportagem, tradicionais e novos, serão financiados no futuro próximo. Essa e outras respostas estão em construção no mundo inteiro, não só no Brasil. É preciso fazer parte dessa construção como protagonista. O tempo de esperar que alguém diga como funciona já passou. Para que essa construção e esse debate sejam qualificados, é fundamental escaparmos, mais uma vez, do maniqueísmo, útil apenas para enevoar o olhar. Grandes reportagens, crônicas, artigos e ensaios foram produzidos pela imprensa tradicional, e muito do que hoje se discute se tornou possível a partir dessas reflexões. Transformar a imprensa tradicional em vilã, como alguns têm feito, demonstra apenas ignorância sobre o processo histórico e os embates dentro dele. Assim como reduzir as novas iniciativas a minoridades demonstra o mesmo tipo de ignorância. As oposições são menos óbvias do que parecem. O que soa novo às vezes é bem velho. E o que é velho nem sempre é ruim, pelo contrário. Tanto o novo quanto o velho não são bons ou ruins por definição. Os sentidos são algo em disputa.

De que lugar falo? Essa é sempre uma pergunta cuja resposta é preciso ficar tão clara quanto possível. Não sou uma pesquisadora acadêmica sobre o tema nem tenho uma investigação teórica sobre este e outros momentos da imprensa. Para isso, há gente mais habilitada que eu. Meu conhecimento sobre essas questões foi construído pela reflexão cotidiana, ao longo de 25 anos de reportagem – os últimos quatro também como colunista de opinião, algo que não se confunde com a reportagem, embora a use em parte. Quero concluir esta coluna com a reflexão sobre o que é reportagem, como a compreendo, porque esta, talvez, seja minha melhor contribuição para o debate.

Cada repórter, antes de sair de casa, da redação ou do seu umbigo para as ruas do mundo, precisa primeiro atravessar a rua de si mesmo. Este é um movimento profundo e constantemente aprimorado, que cada um encontra seu próprio jeito de fazer. Mas é um movimento obrigatório

se quisermos ter a chance de encontrar o outro. Nesse movimento, nos esvaziamos de nossa visão de mundo, de nossos preconceitos, de nossos julgamentos, para irmos o mais vazios possível em direção ao mundo que é o outro, para que possamos ser preenchidos por ele e então empreendermos a viagem de volta, o que está longe de ser fácil. Quando voltamos para casa somos outros, transformados por essa experiência de ser um outro. Nesse movimento de ida e volta, em que aquele que foi já não é o mesmo que retorna, nosso desafio é decifrar a narrativa ou as narrativas daquela pessoa, daquele grupo, daquele mundo ou daquele acontecimento.

A reportagem é sempre uma decifração do outro e do mundo do outro. Por mais que pesquisemos antes, e precisamos pesquisar, é fundamental partirmos de um não-saber. É preciso saber muito para ser capaz de se perder – e, diante do outro, nos colocamos sempre perdidos. Quando acreditamos conhecer essa realidade antes de buscá-la, fechamos o espaço da descoberta e voltamos para o lugar de onde nunca saímos, com aquilo que nunca saberemos. Iludidos de que partimos e chegamos, mas de fato cimentados na mesma posição, pela ausência do gesto essencial.

Desvendar as narrativas do outro exige uma postura de humildade. A começar pela consciência de que somos seres falhos. Acreditar que ser repórter nos faz pairar acima da sociedade, encarnando uma isenção e uma imparcialidade que sabemos impossível, é perigoso para si mesmo e principalmente para quem abre a porta da sua vida para nos contar de si. Só o fato de decidir contar uma história já altera aquela história. É preciso ter a humildade de saber que atuamos lambuzados de cultura, com os dois pés enfiados no tempo. Sabendo-nos parte – e falhos –, podemos tomar as precauções possíveis para que tenhamos chance de chegar mais perto das verdades todas.

Depois do movimento interno de esvaziamento, o instrumento do repórter é a escuta. É a qualidade dessa escuta que garante a qualidade da reportagem. Como escutadores da narrativa de um outro, escutamos não só o que é dito como aquilo que não é dito, não só a voz, mas o silêncio, não só as palavras, mas os gestos, os cheiros, as expressões, os móveis e os objetos da casa, assim como suas rachaduras. Essa é uma escuta que se faz não só com os ouvidos, mas com todos os sentidos, em que só conseguimos descobrir a linguagem habitada pelo outro se, por um momento, nos desabitarmos.

Nos episódios em que deixamos esse lugar de escuta, porque às vezes não o sustentamos, é preciso contar ao leitor. É assim que nos precavemos de nossa condição humana e falha, dessa condição de ser na História e para a História. E conseguimos honrar a dignidade desse pacto em que alguém abre a porta da sua casa e dos seus interiores para se deixar decifrar como narrativa. É só por causa desse movimento que nos tornamos capazes de escutar um torturador, um pedófilo, um serial killer, para além do rótulo ocultador de “bandido”. Assim como a “vítima”, para além de uma circunstância que é apenas parte do que ela é.

Se não formos capazes desse movimento, deixamos de fora da história não só grandes porções de uma mesma pessoa, mas uma enorme porção de pessoas. Para o repórter, cada ser humano é uma experiência única e irrepetível, que será escutado em suas singularidades. É nesse movimento de decifração que nos tornamos capazes de compreender que não há vidas comuns, apenas olhos domesticados – e esse olhar domesticado não pode ser o nosso. É no olhar que se lança para além das camadas enganadoras de uma pretensa banalidade e dos muros impostos pelos discursos fechados que se faz a resistência cotidiana do repórter.

Ser repórter não é dado pelo fato de atuar na imprensa tradicional ou nas novas mídias, não é dado por ter diploma ou não, não é dado por títulos e por prêmios. Ser repórter simplesmente não está dado, na medida em que é um modo de estar no mundo. É mais do que um fazer – é um ser. E um ser que só é ao arriscar-se a ser outro.

Planejamento inicial

	QUARTA- FEIRA	QUINTA- FEIRA	SEXTA- FEIRA	SÁBADO
--	------------------	------------------	-----------------	--------

MANHÃ	1: Feira vocacional – Quinta da Boa Vista			7: Entrevista com dono de hostel/ – expectativa econômica
TARDE	2: 17h: por do sol no Arpoador + entrevista com ateu (Milson)	3: 13h: Mostrar o trânsito até Copacabana 4: 14h: acolhida do Papa em Copacabana	5: 15h: - transporte público	8: 14h: Marcha das Vadias em Copacabana
NOITE			6: 19h: Via Sacra em Copacabana (tentar entrevistar restaurante)	9: 19h: Vigília no Campus Fidei

IMAGENS:

1: Feira vocacional (30 expositores, 150 estandes, 50 confessionários, palcos para shows, oficinas de palestras e uma tenda de adoração ao Santíssimo Sacramento)

- Evento acontece de manhã e a tarde.
- Encontrar o personagem “ambulante” para já falar do lado econômico.
- Entrevistar com as perguntas “porque você veio?” e “o que a fé representa para você?”
- Encontrar um personagem peregrino que possamos acompanhar no dia seguinte
- Imagens do confessionário, pessoas adorando o Santíssimo

2: Entrevista com ateu (perguntas já estão prontas)

3: Trânsito

- Entrevistar cidadãos da cidade, dentro dos ônibus, que estejam incomodados com o trânsito
- Conversar com motoristas sobre como está sendo trabalhar nesses dias

4: Acolhida do Papa

- Multidão em Copacabana
- Conversar com fieis sobre a expectativa de finalmente encontrar o Papa
- Personagem do dia 1: emoção de ver o Papa
- Show de abertura com Orquestra Sinfônica de Barra Mansa e do Coral Carioca JMJ
- Chegada dos símbolos da Jornada (povo aclamando)
- Papa chegando de Papa Móvel

5: Transporte público

- Pegar o metrô e mostrar como estão as estações
- Conversar com usuário que não está participando da Jornada – obrigatoriedade de bilhete especial

6: Via Sacra em Copacabana

**Como vamos estar em Copacabana (vai receber o mais público em todos os dias, tentar falar com alguém do comércio local sobre a movimentação econômica)*

- Orla da av. Atlântica – 900m com 14 estações teatrais
- Começa na Rua Paula Freitas, onde estará a Cruz peregrina. Para marcar as estações, fragmentos da via dolorosa serão replicados numa estrutura de três metros de altura. As réplicas serão preenchidas por 300 voluntários que encenarão formando um quadro vivo. A cena de cada estação encerra quando o quadro é completamente montado pelos voluntários. Nesse momento, um ator convidado lê um trecho bíblico (filmar umas 3)
- emoção dos peregrinos

7: Entrevista com dono de hostel – se necessário, para complementar a ideia da economia

- Jogo rápido, algumas perguntas, falar com hóspedes do hostel que estejam participando.

8: Marcha das Vadias: a concentração do evento começa às 14h em Copacabana. Não precisamos fazer muita coisa, só colher umas entrevistas com manifestantes e mostrar o começo do movimento.

9: Vigília no Campus Fidei

- é o evento mais aguardado e o mais punk, vamos ter que caminhar um pouco e ficar acordados de madrugada. Podemos fazer o mínimo possível no sábado durante o dia.

Imagens da multidão chegando ao Campus Fidei de ônibus (lotes para 30 mil e 50 mil pessoas, caminhada de 6 a 13 km até chegar nos lotes)

**aproveitar para falar do caos do transporte público (todo mundo vai chegar de ônibus)*

- Imagens do Papa chegando de helicóptero e dos shows
- Imagens da adoração ao Santíssimo presidida pelo Papa (intercalado entre momentos de oração, contemplação e silêncio)

- Shows: Luan Santana, Padre Marcelo Rossi
- Galera dormindo em sacos de dormir e colchonetes
- Imagens da estrutura (O Campus Fidei terá três acessos e, a partir da área do palco, serão construídos os lotes para 30 e 50 mil pessoas em cada um. Nos lotes haverá banheiros, bebedouros, postos médicos, telão, som, alimentação, tendas de adoração e tenda de venda de produtos. Também haverá duas ilhas dependendo do tamanho do lote, para evitar que as pessoas tenham que se deslocar muito para chegar aos serviços. Foram planejadas 59 ilhas de serviço distribuídas por 37 lotes).





